FEIRA DE SANTANA

no calor da hora

Juraci Dórea (UEFS)

(Ensaio Fotográfico e Texto: J. D.)

Feira da Estação Nova

Com uma população que já beira os 600 mil habitantes, Feira de Santana vai completando a primeira década do século 21 com ares de metrópole. Obras públicas de vulto impactam o seu tecido urbano, a exemplo de uma série de viadutos que estão sendo construídos no cruzamento das principais vias locais. O crescimento vertical impulsiona a economia e acrescenta novos signos visuais à paisagem. Recentemente, em pesquisa divulgada pela Gazeta Mercantil, Feira de Santana foi considerada como um dos mais dinâmicos municípios do país: entre 300 municípios brasileiros com mais de 550 mil habitantes, ocupa a 21ª posição. São dados significativos, não resta dúvida, que destacam o potencial da cidade. Mas que escondem seus graves problemas da infra-estrutura, em áreas como saneamento, segurança, trânsito, uso do solo, meio ambiente e patrimônio. Produzido no calor da hora, este ensaio fotográfico é um recorte documental dessas e de outras contradições vividas por Feira de Santana nos dias atuais.

FEIRA DE SANT'ANNA

O decreto imperial, de 13 de novembro de 1832, desmembrou Feira de Santana da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, mas a criação do novo município só se concretizou em 18 de setembro do ano seguinte, após a instalação da Câmara Municipal.¹ Com isso, o Arraial de Santana da Feira passou à condição de vila e também de sede do município. Daí para a frente, o crescimento do povoado, que estava situado na rota das tropas e boiadas que se deslocavam entre o sertão e o Recôncavo, foi relativamente rápido.

Já em 16 de junho de 1873, mostrando a sua vocação para

as atividades comerciais, a vila passou a se chamar de Cidade Comercial de Feira de Santana. Entre fins do século XIX e início do século XX, uma onda de prosperidade modernizou o seu espaço urbano, que passou a exibir várias obras públicas importantes, entre as quais, o Mercado Municipal (1914-1915), os coretos das praças Bernardino Bahia (1915), Monsenhor Renato Galvão (1916) e Fróes da Motta (1917), o Grupo Escolar J. J. Seabra (1916), Escola João Florêncio (1917) e o Paço Municipal (1926). O processo de modernização contou também com a cumplicidade da sociedade local, responsável pela edi-

ficção de dezenas de casarões que passaram a embelezar a cidade, a exemplo da Casa de João Pedreira (Palácio do Menor), Vila Fróes da Motta, Casa de João Marinho Falcão, Chácara de Tertuliano Almeida (Solar Santana), Casa de Chico Pinto e Casa da Torre, entre outros.

Até os anos 30, a cidade cresceu de forma harmoniosa, sendo chamada pelo escritor feirense Eurico Alves Boaventura de “Cidade do silêncio e da melancolia”². Pouco tempo depois, no entanto, o próprio Eurico Alves registra as mudanças da Feira de Santana num texto intitulado “A velha e a nova cidade”. Ex-

plica ele: “Em 1940, daí para frente, todavia, operou-se repentina transformação aqui na vida urbana. Como seguro petardo de progresso da noite para o dia, o comércio sacudiu a cidade. Ondas e mais ondas de nortistas, de nordestinos, sobretudo, de nordestinos bem intencionados, por aqui batiam.”³

Vale lembrar que, nessa época, Feira de Santana havia se transformado em importante entroncamento rodoviário e por ela passavam obrigatoriamente nortistas e nordestinos que se dirigiam para São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Muitos desses migrantes terminavam ficando

por aqui, atraídas pelo potencial da cidade.

Na década de 1960, Feira de Santana voltou a experimentar novo surto de desenvolvimento, com a chegada da industrialização. A euforia dessa fase, apoiada em incentivos fiscais, durou pouco, como em outras partes do país. Em consequência, muitas indústrias locais fecharam.

O declínio do parque industrial feirense ocorreu no último quartel do século passado e coincidiu com uma fase não muito promissora para a cidade. É que o rápido processo de urbanização, que alcançou quase todas as grandes cidades brasileiras nos anos 80, em

decorrência do êxodo rural, também abalou profundamente os destinos de Feira de Santana. Diante da ausência de planejamento e do imobilismo do poder público, Feira de Santana assistiu à desestruturação do seu espaço urbano e ao crescimento desordenado da periferia. Quase nada se fez diante da exacerbação dos muitos problemas sociais que logo surgiram em todas as áreas. Para completar, ela perdeu ainda, nesse período, referências identitárias fundamentais, como a feira livre (1977), o Campo do Gado (1986) e a Festa de Santana (1988) e viu seu patrimônio arquitetônico agonizar diante

das pressões econômicas e da insensibilidade de grande parte do empresariado local.

Nos últimos anos, entretanto, as coisas começaram a mudar. Atraindo investimentos em áreas diversas e com a presença do poder público de forma mais visível, Feira de Santana parece ter encontrado novamente seu rumo. Dados recentes dão conta de que

ela voltou a ser um importante pólo econômico regional. As mudanças já começaram a se refletir no cotidiano do feirense. Por um lado, elas projetam sonhos, esperanças e fé no futuro. Por outro, expõem as fraturas e contrastes sociais e físicos de um espaço urbano em que convivem simultaneamente a província e a metrópole.

NOTAS

1 POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968, p. 24-28.

2 Boaventura, Eurico Alves. A cidade do silêncio e da melancolia. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana, UEFS, 2006, p. 46.

3 Boaventura, Eurico Alves. A velha e a nova cidade. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana, UEFS, 2006, p. 84.

A GRANDE FEIRA

Realizada às segundas-feiras, a emblemática feira livre de Feira de Santana ocupava as principais ruas do centro da cidade. Atraiu gente de toda a região, numa expressão pungente de nossa economia e da nossa cultura popular. Em 1977, ela foi transferida para o Centro de Abastecimento, perdendo a espontaneidade e representação cultural. Com o desaparecimento da “Grande Feira”, as feiras livres dos bairros ganharam força, a exemplo das feiras da Estação Nova, do Tomba e da Cidade Nova.

Feira do Tomba

Centro de Abastecimento

CAMPO DO GADO

Durante a sua viagem às províncias do Nordeste, em 1859, o Imperador D. Pedro II visitou Feira de Santana, interessado em conhecer o Campo do Gado, que era famoso por reunir grandes boiadas nos dias de feira. “Fui à feira, às 11. Pouco concorrida. Quinhentos a seiscentos bois quando aparecem 3.000 e 4.000. O melhor era da Serrinha, havendo muito bons bois, sobretudo touros, e sendo em geral gordo todo o gado da feira”, escreveu ele no seu *Diário* da viagem, aparentemente satisfeito com o que viu.

Campo do Gado Novo

Nessa época, o Campo ocupava a área que hoje corresponde à praça do Nordestino. Após ter funcionado em outros lugares, ele foi transferido, em 1986, para a zona rural. Com isso, caiu praticamente no esquecimento. Antigos freqüentadores não escondem o desencanto com a situação atual: “O Campo acabou!”, dizem num misto de desabafo e nostalgia.

BANDO ANUNCIADOR E CAMINHADA DO FOLCLORE

O Bando Anunciador integrava os festejos populares realizados anualmente, em homenagem a Nossa Senhora Santana, padroeira da cidade. Era um cortejo irreverente que reunia figuras populares e pessoas diversas da comunidade para anunciar a Festa. A partir de 1988, por iniciativa da igreja, a parte da Festa, considerada como profana, foi extinta. Em consequência, o Bando Anunciador desapareceu. Em 2007, o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), da UEFS, criou um projeto para resgatar esta manifestação da nossa cultura popular. A primeira tentativa deu certo. Em 20 de julho de 2008, o Bando voltou às ruas pela segunda vez.

A Caminhada do Folclore foi idealizada, em 2000, por Tânia Pereira, articuladora cultural do CUCA, com o propósito de mostrar o potencial dos grupos folclóricos da região de Feira de Santana e dos municípios vizinhos.

Bando Anunciador

Caminhada do Folclore

Sempre realizada através do CUCA, a Caminhada chegou, em 2008, à nona edição, reunindo grupos de capoeira, reisado, bumba-meu-boi, repentistas, vaqueiros encourados, burrinha, grupos de samba de roda e de baianas, bandinhas típicas, caretas e outras expressões da cultura popular. São, atualmente, cerca de 5.000 participantes envolvidos diretamente no desfile, entre homens, mulheres, adultos e crianças.

MEMÓRIA EM TRANSE

A partir da década de 1970, o processo de destruição do patrimônio arquitetônico de Feira de Santana tornou-se mais intenso, alcançando, em particular, os prédios edificadas entre fins do século XIX e início do século XX. Esses prédios formavam um conjunto valioso sob muitos aspectos, inclusive como expressão do Ecletismo na Bahia. Sem qualquer política de proteção, quase todos eles foram demolidos pelo empreariado local, ou transformados em ruínas, ante o olhar passivo das autoridades. Só recentemente a cidade teve seus primeiros monumentos tombados pelo IPAC (Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia), a exemplo do Paço Municipal, restaurado no ano passado.

Prefeitura Municipal

Casa à rua João Evangelista, 130

Palácio do Menor

ROTEIRO SENTIMENTAL

O progresso vem redesenhando rapidamente o mapa e os vários cenários de Feira de Santana. Alguns desses cenários são relativamente recentes, mas já estão enraizados no imaginário feirense. Lugares como o Ferro de Engomar, Usina de Algodão, Kalilândia, Esquina da Prefeitura, Abrigo do Marajó, Asilo Nossa Senhora de Lourdes e Igreja dos Capuchinhos, entre outros, são referências físicas, mas são, antes de tudo, paisagens sentimentais de muitas gerações, memória na instável cena urbana feirense.

Esquina da Av. Senhor dos Passos com a Praça João Pedreira

Antigo prédio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

Asilo Nossa Senhora de Lourdes

NOVA PAISAGEM URBANA

O desenvolvimento urbano de Feira de Santana se deu de forma predominantemente horizontal, aproveitando a topografia amena da região. Com isso, durante muito tempo, o “prédio do INPS” reinou absoluto na praça Bernardino Bahia, como uma das mais altas edificações locais. A partir dos anos 80, a cidade começou a mudar, optando também pelo crescimento vertical, tendência que já se consolida nos dias atuais. Completando o quadro de renovação do cenário urbano de Feira da Santana,

Viaduto Engº José Joaquim Lopes de Brito

Construção do Viaduto da Cidade Nova

Rua Mal. Castelo Branco

há dezenas de novos condomínios fechados em construção e a edificação de viadutos no cruzamento dos principais eixos viários da cidade. Não se deve esquecer ainda a expansão do comércio, que se espalha em todas as direções e reconfigura inclusive logradouros tradicionais, como é o caso da avenida Getúlio Vargas.

Avenida Getúlio Vargas

Rua Rio Amazonas

Prédio à Rua Nossa Senhora Aparecida

Prédio à Rua Domingos Barbosa de Araújo

CENTRO COMERCIAL

A visualidade do centro comercial de Feira de Santana está muito próxima do *kitsch*. À margem de qualquer controle, ela reflete, entre outras coisas, o espírito competitivo e a sensibilidade do empresariado local. Nota-se que as fachadas originais dos edifícios praticamente desapareceram sob as imensas placas de identificação. E há ainda o emaranhado dos fios elétricos, postes de iluminação, cartazes diversos e muitos outros penduricalhos compondo a frente dos estabelecimentos. A quantidade de informações parece desorientar o transeunte, que circula com dificuldade pelas calçadas tomadas por produtos, vendedores ambulantes, barracas, tabuletas e outros elementos de publicidade.

Avenida Senhor dos Passos

Rua Marechal Deodoro

Avenida Senhor dos Passos

Avenida Senhor dos Passos

CIDADES PARALELAS

As pressões sociais e a incapacidade do poder público de entender as realidades decorrentes do intenso processo de urbanização das últimas décadas contribuíram para a ocupação e degradação de inúmeras áreas da cidade. O resultado pode ser percebido em toda parte: no meio ambiente, nas praças, no traçado das ruas, no uso do solo e, sobretudo, na estética urbana. Feira de Santana é na atualidade uma cidade de múltiplas faces, distante de suas raízes e repartida entre velhos e novos hábitos.

Praça da República

Avenida João Durval

Avenida Senhor dos Passos

SANTANA DOS OLHOS D'ÁGUA

Situado na faixa de transição entre o Recôncavo e o sertão, o município de Feira de Santana sempre teve uma posição privilegiada no que diz respeito à presença de fontes, nascentes e lagoas. Com o desenvolvimento da cidade, no entanto, muitos desses mananciais, passaram a ser apenas incômodas referências na paisagem urbana. Sem qualquer preocupação com a preservação ambiental, o feirense vem progressivamente agredindo, ocupando, aterrando e comercializando estas áreas.

Lagoa Grande

Lagoa Salgada

FOTOS: Julho-agosto de 2008

Juraci Dórea é artista plástico e poeta. Arquiteto diplomado pela Universidade Federal da Bahia e Especialista em Desenho, Registro e Memória Visual pela UEFS. Obteve o grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana. Participou, a partir dos anos 60, de numerosas exposições no Brasil e no exterior, dentre as quais: 19ª Bienal Internacional de São Paulo (1987), 43ª Bienal de Veneza (1988), 3ª Bienal de Havana (1989), Pintura e Escultura do Nordeste do Brasil, Lisboa (1996) e Projeto Terra, Université Paris 8, Vincennes Saint-Denis (1999). Publicou: *Eurico Alves, poeta baiano* (1978), *O cavalo sépia* (1979) e *Terra* (1985).